

Arqueologia histórica e a vocação militar do morro Cara de Cão: resultados das primeiras prospecções realizadas na área

Ane Elisabeth Modesti Simões*
Andrea de Lessa Pinto**

Na pesquisa arqueológica realizada no morro Cara de Cão entre junho e agosto de 2019, utilizou-se como fundamentação teórica a Arqueologia Histórica, que se constitui em uma poderosa ferramenta para a realização de pesquisas arqueológicas, combinando-se registros arqueológicos obtidos em um sítio – a cultura material de um grupo – com diversos tipos de documentos, especialmente testemunhos de cronistas, cartas de sesmarias, mapas, fotos, diários pessoais, e até mesmo fontes orais, os quais permitem que seja delineado um perfil geral dos indivíduos que estavam associados a determinados assentamentos (SIMÕES, 2020). Cada um desses registros é usado pela Arqueologia Histórica de maneira específica (ORSER JR., 1992). São realizadas pesquisas em bibliotecas, acervos, arquivos, trabalhos acadêmicos e fontes primárias, de maneira que se estabeleça uma documentação necessária para dar suporte à narrativa desse passado, comparando-a com cultura material encontrada.

Essa pesquisa arqueológica destinada a uma dissertação de mestrado, realizada no morro Cara de Cão, dividiu a área total pesquisada em duas (figura 1): a área A, que abrangeu as linhas L01 a L13, a qual apresentou evidências de concentrações de material cerâmico pré-colonial e do período pós-contato de grupos

Tupi e outros artefatos históricos; e a área B, que se inicia a partir da linha L14 e se estende até a L29, última linha de tradagem localizada nos fundos do alojamento dos praças da Fortaleza de São João. A materialidade encontrada nesta área é preponderantemente associada ao século XIX, com algumas contribuições de elementos do século XX.

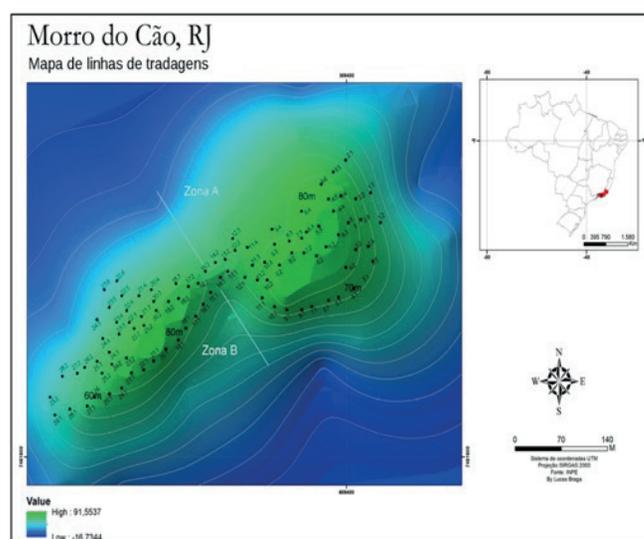


Figura 1 – Delimitação das linhas de tradagem – morro Cara de Cão, RJ

Fonte: Registro das tradagens elaborado pela autora

* Graduada em História (UVA (2010), mestre (2020) e doutoranda em Arqueologia – PPGArq/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora Associada do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHIMEx).

** Arqueóloga – Professora do PPGArq/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na área B, encontramos no solo, quase totalmente encoberto pela vegetação, uma grande quantidade de entulhos de tijolos, telhas coloniais, argamassa com cal e conchas e manilhas vitrificadas. Esses materiais não se encontravam estruturados, mas soltos e misturados, concentrados particulamente nos pontos de tradagens a partir da linha L15 até a L20 (**figura 2**), o que dificultou os trabalhos entre esses pontos.



Figura 2 – Estratigrafia do ponto de tradagem L15/P2 com grande concentração de material construtivo – área B – morro Cara de Cão – RJ

Fonte: Acervo da autora

Edificações

Segundo consta no relatório do então coronel Marques Porto, datado de 1903 (**figura 3**), existiam na área edificações que se encontravam em péssimo estado de conservação. De fato, observamos a existência de dois paíóis e uma caixa d'água em uma planta da fortaleza de 1916, os quais foram demolidos em data ainda imprecisa (**figura 4**).

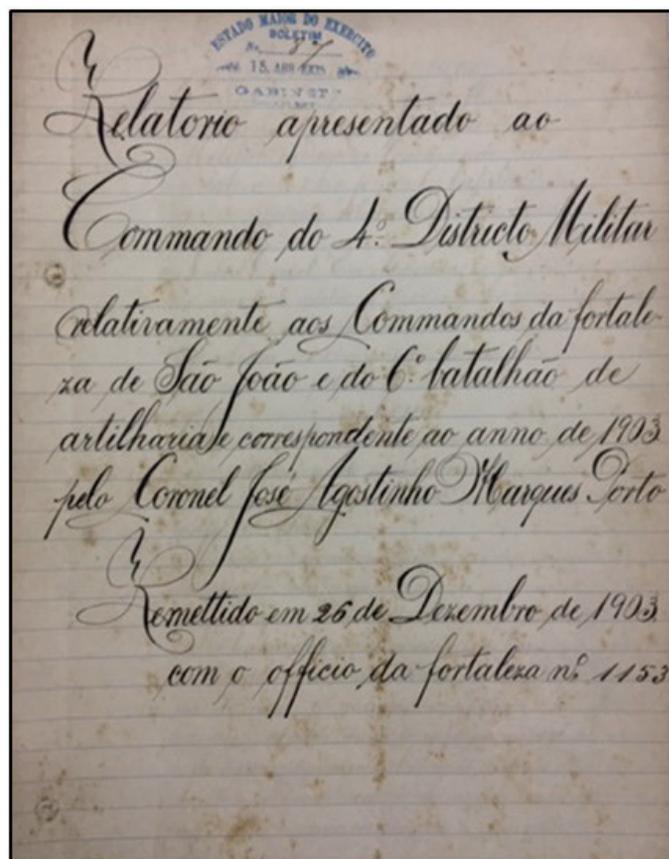


Figura 3 – Fac-símile do Relatório do coronel José Agostinho Marques Porto

Fonte: Arquivo Histórico do Exército



Figura 4 – Planta da Fortaleza de São João – Cap Volmér Augusto da Silveira, 1916

Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Podemos verificar a posição de tais paióis no detalhe da planta de 1916 (**figura 5**) e nas fotos de 1885 de Marc Ferrez. As datas das fotos e o tipo de material construtivo encontrado nos levam a supor que essas edificações seriam datadas, pelo menos, do início do século XIX, conforme será demonstrado a seguir.



Figura 5 – Detalhe da planta da Fortaleza de São João – Cap Volmér Augusto da Silveira, 1916
Fonte: Arquivo Histórico do Exército

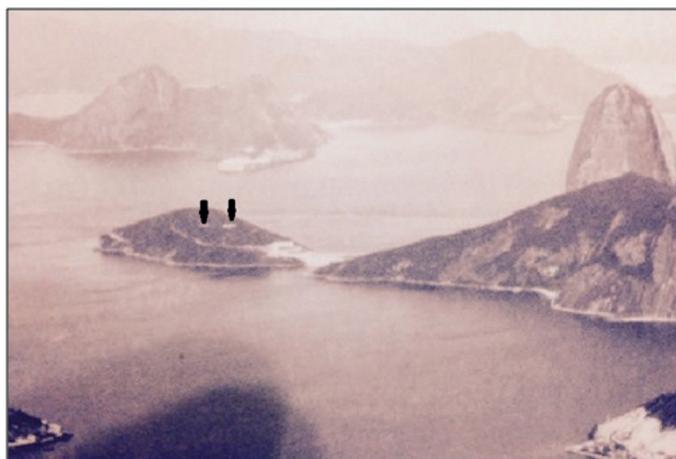


Figura 6 – Enxada de Botafogo
Fonte: Foto Marc Ferrez, 1885

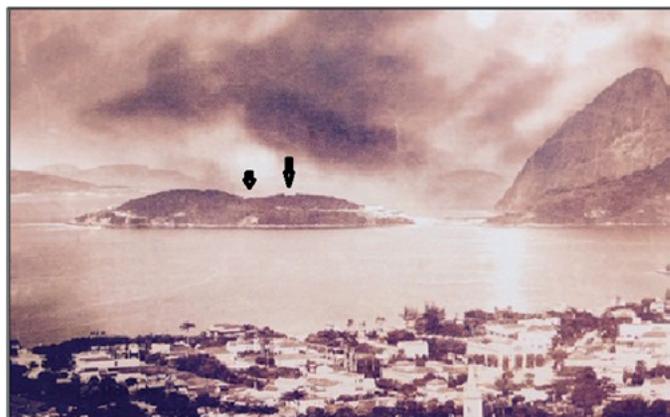


Figura 7 – Enxada de Botafogo
Fonte: Foto Marc Ferrez, 1885

Na superfície dessa área, encontramos também estruturas e material construtivo, que, pela sua localização e tipo, deveriam ter pertencido aos paióis. Entre elas, uma peça cilíndrica muito interessante, que deveria estar presa a uma parede e apoiada sobre um piso de placas finas, de material vermelho, com uma manilha vitrificada no centro e um cabo de cobre preso a ela (**figuras 8 e 9**). Sua função ainda não está definida.



Figuras 8 e 9 – Estrutura cilíndrica localizada na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora



Figuras 10, 11 e 12 – Materiais construtivos localizados na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora

Encontramos também, nas proximidades do paiol menor, pedras de cantaria, que, possivelmente, teriam pertencido a um portal, além de evidências de estruturas de tijolos e pedras a partir da superfície, o que dificultou a abertura de tradagem (**figuras 10 a 12**).

Ao realizarmos sondagens no local, encontramos grande quantidade de parafusos de ferro fundido entre as linhas L21 e L22 (**figura 16**), na superfície e em pontos de tradagens abertos na área ao redor de grandes colunas (**figura 13**). A planta de 1916 indica ter existido nessa área uma caixa d'água (**figura 14**), portanto as referidas colunas destinavam-se a suportar essa estrutura, provavelmente construída em ferro, nos moldes das utilizadas no séc. XIX. Deve ter sido desmontada por ocasião da demolição dos paióis.



Figura 13 – Colunas de pedra que suportavam a caixa d'água que supria os paióis
Fonte: Acervo da autora

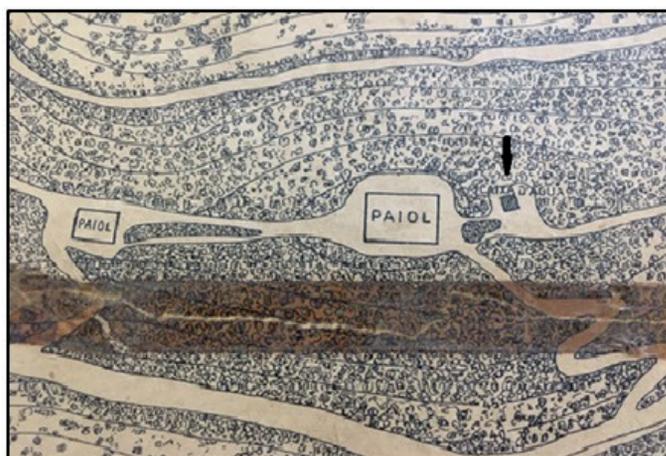


Figura 14 – Detalhe da planta da Fortaleza de São João – Cap Volmér Augusto da Silveira – 1916
Fonte: Arquivo Histórico do Exército

As caixas d'água no Brasil do século XIX geralmente seguiam o modelo retangular inglês ou belga, conforme o exemplo da **figura 15**.



Figura 15 – Caixas d'água da Estação Rafard do antigo traçado da Ytuana, depois Estrada de Ferro Sorocabana – Séc. XIX
Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/4668525>. Acesso em: 11 fev 2020



Figura 16 – Parafusos de ferro fundido recuperados na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora

Material Construtivo

Devido às medidas restritivas emitidas pela Coroa portuguesa, a industrialização da Colônia no início do século XIX era quase nenhuma. Mesmo com a chegada da Corte em 1808 e da revogação das proibições permitindo todo gênero de manufatura, o desenvolvimento industrial foi lento, difícil e malsucedido. Isso se deveu não só pela falta de mão de obra habilitada, capitais e créditos internacionais, fontes de energia (carvão), meios de transportes e até mesmo mercado consumidor, mas também pela mentalidade dominante à época, que acreditava que o país deveria ter uma economia baseada na agricultura, e que seria mais barato se importar de tudo (TELLES, 1994, p. 161).

Dessa forma, importavam-se desde tábuas e barrotes de pinho de riga a vigas e colunas de ferro, chapas para calhas, papéis de parede, material de instalação hidráulica e sanitária, azulejos, lajotas, telhas e tijolos, enfim, grande quantidade de material construtivo (TELLES, 1994, p. 128).

Encontramos vários tipos de telhas, especialmente na área B, onde, como já demonstramos, existiam edificações demolidas do século XIX.



Figuras 17 e 18 – Telha de fabricação francesa e lajota de fabricação alemã Lamberty Servais & Cie, Ehang
Fonte: Acervo da autora

Telhas do tipo canal (**figura 19**), algumas enormes, cobriam os telhados coloniais (as telhas encontradas na área possivelmente pertenceriam aos telhados dos paióis). Essas telhas já eram empregadas em Portugal desde tempos remotos e bem cedo passaram a ser fabricadas no Brasil (TELLES, 1994, p. 38).

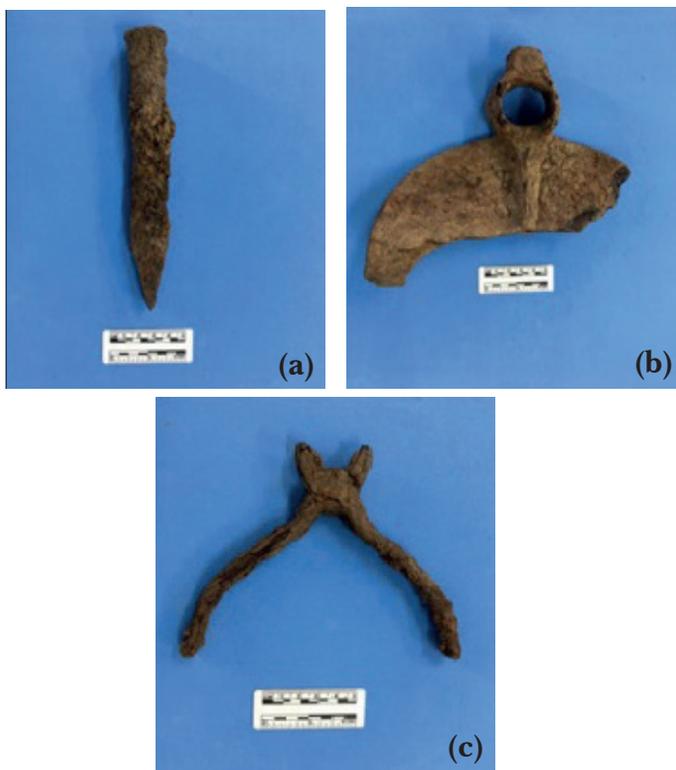


Figura 19 – Telhas coloniais recuperadas na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora

Ferramentas de trabalho

O conjunto amostral abaixo representado apresenta ferramentas associadas ao cotidiano do trabalho de indivíduos, militares ou não, que circulavam pelas áreas do morro, como em obras de manutenção dos fortes e, possivelmente, horticultura.

Segundo Castro (2009, 2015), durante a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), existiu, na Fortaleza de São João, um campo de prisioneiros do exército paraguaio, que trabalhavam soltos na área, onde poderiam plantar diversos vegetais ou árvores frutíferas.



Figuras 20 a 22 – Ferramentas de trabalho recuperadas na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora

- a) Talhadeira – L27/P2 – 0-20 cm. Na lateral interna do morro, existiu uma pedreira, de onde se retiravam pedras para diversos fins, conforme relatório do Cel Marques Porto, de 1903, apresentado na **figura 3** deste trabalho.
- b) Enxada de ferro fundido – L22/P4 – 0-20 cm.
- (c) Alicates de corte – L27/P1 – 0-20cm.

Lâminas de faca em avançado estado de deterioração foram encontradas na área B, todas em profundidades entre 0-20cm, e nas linhas L20/P2, L24/P4 e L25/P1, respectivamente (**figuras 23 a 25**).



Figuras 23 a 25 – Faca e lâminas de faca recuperadas na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora

Artefatos militares

Desde a fundação da cidade, o morro Cara de Cão demonstra a sua vocação militar e a missão de vigilância da Baía da Guanabara, haja vista a construção, em sua volta, de fortes e redutos: a fortaleza original da fundação da cidade, que em 1618 se transformou em Fortaleza de São João; o Reduto São Diogo (1618, localizado no interior da fortaleza); o Reduto São Theodósio (1572), atualmente aterrado; o antigo Forte de São João, que se transformou no Forte de São José (1578/1863); e o Reduto São Martinho (1567), este último desaparecido, uma vez que não se tem

conhecimento exato da sua localização e tampouco informações sobre quando foi demolido. Segundo Castro (2009), o Reduto São Martinho se localizava no alto do morro Cara de Cão, aproximadamente onde estão hoje os entulhos dos paióis.

Todos os artefatos militares recuperados nesta pesquisa, com exceção de estojos de cartuchos que aparecem em profusão na superfície de todo o morro, foram encontrados na área B e são datados desde meados do século XIX até o século XX, demonstrando a grande apropriação da paisagem e movimentação de militares nessa área (figuras 26 a 33). Esses artefatos foram classificados pelo Dr. Adler Homero Fonseca de Castro, historiador e técnico do IPHAN, em parecer datado de 9 de fevereiro de 2020.



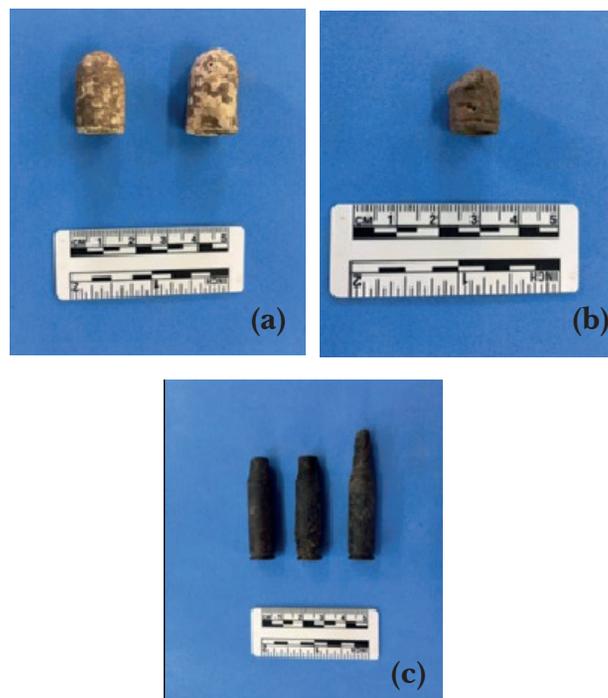
Figuras 26 a 28 – Artefatos militares recuperados na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora

- a) Insignia de charleira (ombro), de artilharia de costa da República (1889), utilizada até 1940.
- b) Fivela de talim (cinto) da República (1889), usada até a década de 1940.
- c) Guarnição de bainha de sabre-baioneta mo-

delo 1908. As duas peças metálicas eram ligadas por uma peça de couro preto (no interior da ponta, chape, ainda se observam restos do couro). Esse modelo de bainha foi utilizado até a década de 1970.



Figuras 29 e 30 – Botão de metal recuperado na área B – morro Cara de Cão – RJ – botão de metal, de 2º uniforme de soldado, do início da República – 1889/1910, com inscrição “Progresso” e “Rio”, indicando uma possível fabricação da Fundição Progresso (?)
Fonte: Acervo da autora



Figuras 31 a 33 – Projéteis e estojos de cartuchos recuperados na área B – morro Cara de Cão – RJ
Fonte: Acervo da autora

- a) Projéteis de arma Minié (ou Enfield), ambas utilizadas pelo Exército entre 1858 e 1878.
- b) Projétil de mosquetão Westley-Richards, usado pela Marinha Brasileira entre 1873 e 1895. Foi disparado e atingiu algo não muito duro ou foi disparado de uma distância muito longa. **Projétil disparado contra a fortaleza durante a Revolta da Armada (1893)?**
- c) Estojos de cartuchos de fuzil/mosquetão Mauser, modelo 1908, utilizado pelo Exército até a década de 1970. O terceiro à direita se destina a tiro de festim, sendo utilizado em exercícios militares na área do morro Cara de Cão.

Moedas

Encontramos na área do morro Cara de Cão nove moedas, a maioria em péssimo estado de conservação (figuras 34 a 39). Analisando as mais bem conservadas, constatamos que são datadas da segunda década do século XIX até a quarta década do XX.

Segundo Barker (1993, p. 205), moedas, juntamente com selos, fichas e inscrições especificando datas, são provavelmente, de todos os achados arqueológicos, os mais próximos de suas datações. Como resultado, são bem-vindas nas escavações, pois fornecem evidências positivas de datação. Mas nunca devemos esquecer que elas fornecem apenas um *terminus post quem* (não anterior a...) do depósito em que elas foram encontradas. É útil também tentar estimar a data em que a moeda foi perdida como distinta da data em que foi cunhada, considerando suas condições e o desgaste que parece ter sofrido durante a circulação, e traduzir isso em anos. Isso não poderá ser verificado devido às péssimas condições de conservação de algumas das moedas encontradas.

As figuras 34 a 39 mostram moedas recuperadas na área B – morro Cara de Cão – RJ.



Figura 34 – Moeda recuperada na L22, 1823-1831 – moeda de 80 réis com carimbo geral de 40 réis – cobre)

Fonte: Acervo da autora e Livro das Moedas do Brasil

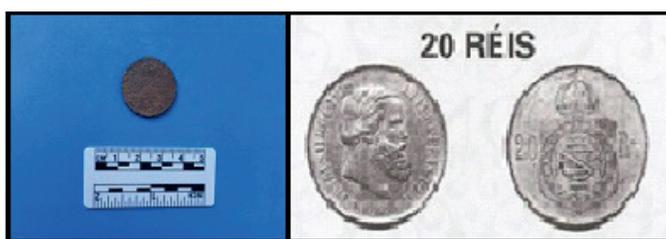


Figura 35 – Moeda recuperada na L20, 1868-1870 – 20 réis – P II – bronze

Fonte: Acervo da autora e Livro das Moedas do Brasil



Figura 36 – Moeda recuperada na L 22, 1889, 40 réis, bronze

Fonte – Acervo da autora e Livro das Moedas do Brasil

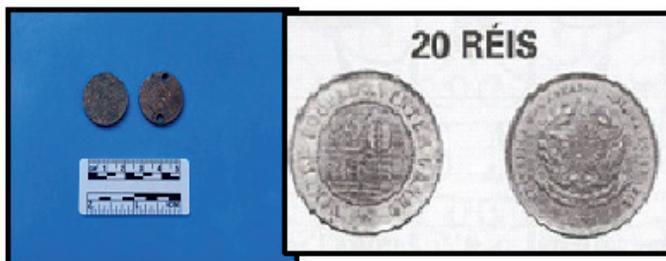


Figura 37 – Moedas recuperadas juntas na L22 – 1889-1912 – com a inscrição “Vintém Poupado é Vintém ganho” – bronze. Uma delas foi furada, possivelmente para ser presa na roupa

Fonte – Acervo da autora e Livro das Moedas do Brasil



Figura 38 – Moeda recuperada na L22, 100 réis – possivelmente 1918-1935 – cupro-níquel

Fonte: Acervo da autora e Livro das Moedas do Brasil



Figura 39 – Moeda recuperada na L29 – novo padrão monetário 1946 – cruzeiro – Getúlio Vargas, 10 centavos – bronze-alumínio

Fonte: Acervo da autora e Livro das Moedas do Brasil

Conclusão

Pela materialidade encontrada, podemos concluir que, possivelmente, a área B do morro Cara de Cão teve uma ocupação quase que exclusivamente militar, notadamente nos séculos XIX e XX. Não encontramos evidências de que existiram edificações civis do século

XVI, nem tralha doméstica tradicional europeia ou indígena, mas, conforme já comentamos anteriormente, esta pesquisa foi baseada em tradagens (não em escavações extensivas), e, portanto, possui limitações.

Nas áreas altas do morro, por sua vez, encontramos, em três locais, cerâmicas indígenas e artefatos históricos, notadamente do século XVI, que podem ter sido utilizados por grupos que se assentaram no local e participaram da fundação da cidade do Rio de Janeiro. Uma pesquisa arqueológica mais extensa poderia apresentar outras evidências da primeira ocupação da cidade nessa importante área.

Também na área A, encontramos cerâmica tupi pré-colonial. Uma vez que não temos informações de que teria existido no local alguma aldeia, acreditamos que essa área era utilizada como acampamento, possivelmente com fins de controle visual da entrada da Baía da Guanabara. Nesse ponto é preciso considerar a grande beligerância que existia, nos séculos XVI e XVII, entre os grupos locais, notadamente Tupinambá e Temiminó. É importante se observar também que, bem próximo a esse local, ainda existem ruínas de um posto de observação do exército do século XX, comprovando, mais uma vez, a vocação militar do morro Cara de Cão e o seu papel de guardião da Baía da Guanabara desde tempos imemoriáveis. 

Referências

AMATO, Cláudio; NEVES, Irlei S.; RUSSO, Armando. **Livro das Moedas do Brasil – 1643 até o presente**. 12. ed. São Paulo: Artgraph Serviços Gráficos Ltda. 2008.

BARKER, Philip. **Techniques of Archaeological Excavation**. New York: Routledge, 1993.

CASTRO, Adler Romero Fonseca de. **Muralhas de pedra, canhões de bronze, homens de ferro**. Fortificações do Brasil de 1504 a 2006. Vol. I, Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Exército Brasileiro, 2009.

CASTRO, Adler Romero Fonseca. **Os prisioneiros de guerra paraguaios no Brasil**. Rio de Janeiro: Revista A Defesa Nacional, Ano CIII – nº 828 – 3º Quadrimestre, 2015.

ORSER, Charles E. Jr. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

SIMÕES, Ane Elisabeth Modesti. **História esquecida do Rio de Janeiro: As Gentes e a Paisagem no Processo de Ocupação da Cidade Velha e o Morro Cara de Cão**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Museu Nacional/UFRJ. 2020.

TELLES, Pedro Carlos da Silva. **História da Engenharia no Brasil, Séculos XVI a XIX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Clavero, 1994.